

Augusto Soares da Silva

Universidade Católica - Faculdade de Filosofia de Braga

(Ex-bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian)

**ESTRUTURAS CAUSATIVAS NO PORTUGUÊS:
ORDEM DAS PALAVRAS E ATRIBUIÇÃO DE CASO EM
FAZER, MANDAR, DEIXAR + INF.
PERSPECTIVA COGNITIVA**

0. O problema

A construção dita "causativa" é, como se sabe, bem complexa, e ainda mais complexa no Português do que nas outras línguas românicas. *Fazer, mandar e deixar*, enquanto predicados causativos, admitem diferentes construções com (oração de) infinitivo, conforme as frases (1)-(4) podem ilustrar:

- (1) a. *A Maria fez / mandou / deixou os miúdos brincurem*
b. *A Maria fez / mandou / deixou os miúdos brincar*
c. *A Maria fez / mandou / deixou brincar os miúdos*
d. **A Maria fez / mandou / deixou brincarem os miúdos*
- (2) a. *A Maria fez / mandou / deixou eles brincarem*
b. *A Maria fê-los / mandou-os / deixou-os brincar*
- (3) a. *A Maria fez / mandou / deixou os miúdos lerem esse livro*
b. *A Maria fez / mandou / deixou os miúdos ler esse livro*
c. *A Maria fez / mandou / deixou ler esse livro aos miúdos*
d. *?A Maria fez / mandou / (não) deixou ler esse livro pelos miúdos⁽¹⁾*
- (4) a. *A Maria fez / mandou / deixou eles lerem esse livro*
b. *A Maria fê-los / mandou-os / deixou-os ler esse livro*
c. *A Maria fez-lhes / mandou-lhes / deixou-lhes ler esse livro*

Isto é, *fazer*, *mandar* e *deixar* podem ser seguidos de sujeito do infinitivo, como em (1a, b) e (3a, b), ou de infinitivo, como em (1c) e (3c, d). Chamemos a estas duas estruturas, respectivamente, construção VOV e construção VV. Na construção VOV, o infinitivo pode ocorrer flexionado ou não-flexionado, ao passo que a construção VV apresenta sempre o infinitivo não-flexionado. Por outro lado, a função ou caso do sujeito do infinitivo também varia: mantida em (1a) e (3a), com o pronome na forma nominativa em (2a) e (4a), ela varia entre o objecto directo, como em (1c) e (1b) e (3b), pronominalizado na forma acusativa, em (2b) e (4b), e o objecto indirecto, como em (3c), pronominalizado na forma dativa, em (4c), ou agentivo/instrumento, como, se não em (3d), em (11b), mais adiante.

O problema que imediatamente se coloca é saber quais as razões de toda esta variação. Ocupar-nos-emos, portanto, da posição e do caso do sujeito do infinitivo nas construções causativas com *fazer*, *mandar* e *deixar*⁽²⁾.

1. Tratamentos "formalistas"

As construções causativas contam com uma vasta literatura. A maior parte da investigação tem sido orientada, sintacticamente, para a construção VV. É comum a ideia de que a origem desta construção está numa redução de duas orações a uma só, mediante determinadas regras sintácticas. A Gramática Gerativa postula, para o efeito, a regra da *elevação do predicado* ("Predicate Raising"). E a Gramática Relacional considera que a construção VV é produzida pela regra de *união de orações* ("Clause Union"), a qual, segundo Raposo (1981) ou Aissen e Perlmutter (1983), faz com que todos os elementos dependentes do verbo encaixado se tornem dependentes do verbo principal.

Quanto à construção VOV, é costume distinguir casos como (1a, 2a) e (3a, 4a), em que nenhum dos elementos da oração subordinada mantém qualquer relação gramatical na oração principal (apresentando, por consequência, o infinitivo flexionado), e casos como (1b) e (3b, 4b), em que apenas o sujeito da oração subordinada mantém uma relação na oração principal. Relativamente a esta última construção, a Gramática Gerativa, através de Postal (1974), descreveu-a como *elevação do sujeito para objecto* ("Subject to Object Raising"), mas, de

acordo com os princípios da Teoria da Regência e Ligação, essa análise tem sido rejeitada e esta mesma construção tem sido caracterizada como *construção de marcação de caso excepcional* (ou construção ECM, do inglês "Exceptional Case Marking"), isto é, o elemento entre os dois verbos é, de facto, sujeito da oração subordinada infinitiva (e não, objecto directo da oração principal), mas recebe caso acusativo do verbo principal⁽³⁾.

Resumidamente, e seguindo a terminologia que Raposo (1981: cap. 2) propõe para o português, *fazer*, *mandar* e *deixar* (bem como os verbos de percepção) são, opcionalmente, "predicados de união", isto é, além da "união de orações" (cf. 1c, 3c-d e 4c), admitem também a "construção básica" (cf. 1a, 2a, 3a e 4a) e a "elevação do sujeito para objecto", agora designada por "construção ECM" (cf. 1b, 3b e 4b)⁽⁴⁾.

Relativamente ao caso do sujeito encaixado, tanto a Gramática Gerativa como a Gramática Relacional⁽⁵⁾, e, em particular, a famosa hierarquia de casos de Comrie (1976, 1989: cap. 8) - *sujeito > objecto directo > objecto indirecto > obliquo* - predizem que na construção "união de orações" (ou VV) o sujeito da oração subordinada toma o caso objecto directo quando o infinitivo é intransitivo e, quando o infinitivo é transitivo, o caso objecto indirecto ou (se esse infinitivo apresenta já um objecto indirecto) o obliquo⁽⁶⁾.

Desta forma, estes estudos (aqui muito resumidamente apresentados), assumindo uma perspectiva essencialmente sintáctica, consideram a escolha entre as várias construções causativas como uma simples opção estrutural, e defendem que a atribuição e a variação de caso do sujeito do infinitivo são governadas por uma hierarquia ou por outros princípios puramente formais⁽⁷⁾. Ora bem, procuraremos demonstrar a seguir que o comportamento sintáctico das estruturas causativas é, antes, e naturalmente, determinado pela sua semântica. Fá-lo-emos assumindo a perspectiva da Gramática Cognitiva de Langacker (1987, 1991), e utilizando alguns dos seus conceitos⁽⁸⁾.

2. VOV e VV: diferentes "imagens" numa mesma base causativa

A construção *causativa* tem por função *perfilar* ("profile"), isto é, designar conceptualmente o "input" de energia responsável pela ocorrência de determinado processo ou evento. A escolha

de uma das diferentes construções causativas reflecte uma maneira particular de estruturar esta *base* ("ground"), impondo-lhe uma "imagem" específica.

2.1. Três imagens

Através das figuras 1 e 2 podemos visualizar a estrutura e o significado das três construções causativas do português:

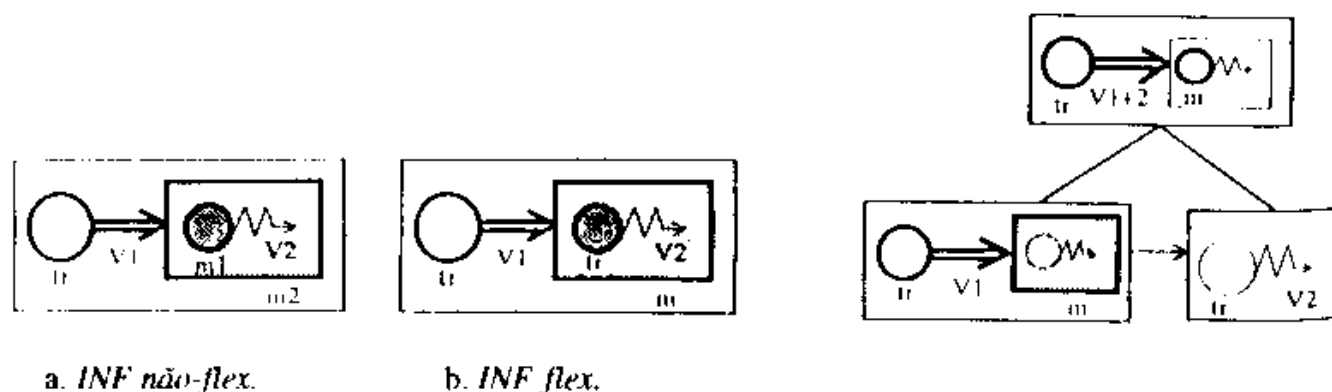


Figura 1. VOV

Figura 2. VV

A construção VOV - INF não-flexionado ("elevação" ou ECM, na terminologia gerativista) (figura 1a) apresenta como seu *trajector* ("trajector") a origem de energia e como *marco* ou *ponto de referência* ("landmark") *primário* o *trajector* do processo subordinado (V2), e este processo, tomado como um todo, funciona como um *marco secundário*. Na Gramática Cognitiva, *trajector* e *marco primário* (os quais manifestam a importante organização conceptual *figura/fundo*) são "locais de elaboração (ou instanciação)" para nominais, identificados como sujeito e objecto directo, respectivamente. O *marco secundário* é igualmente um "local de elaboração", sendo aqui elaborado por um complemento ou oração de infinitivo. VOV - INF flexionado (figura 1b) distingue-se da construção anterior pelo facto de o seu *marco* (primário) ser agora todo o evento subordinado. Tomando as frases (1b) e (1a), diremos então que o sujeito da oração principal *a Maria* elabora o "trajector" do verbo causativo; mas enquanto em (1b) o sujeito do infinitivo *os miúdos* elabora o "marco primário" do mesmo verbo, em (1a) é toda a oração subordinada *os miúdos brincarem* quem elabora o "marco primário" desse

mesmo verbo principal. É em (1b), o processo resultante *brincar* funciona como "marco secundário" do verbo causativo.

Vejam agora a construção VV (figura 2). Ela toma um processo como complemento, mas não atribui estatuto focal (isto é, não atribui "proeminência") a nenhum participante desse processo. O "marco" do verbo causativo é o processo resultante, e nenhum participante deste processo é "perfilado" no primeiro nível de organização. A um nível compósito, o sujeito do infinitivo (ou o objecto directo do infinitivo transitivo - situação que não está representada na figura) é o "marco" do verbo complexo (V1+2), sendo, por isso, identificado como o seu objecto directo⁽⁹⁾. Tomando agora as frases de (1c), podemos dizer que o infinitivo *brincar* elabora o "marco" do verbo causativo e, a um nível compósito, o sujeito do infinitivo *os miúdos* elabora o "marco" do processo complexo, como seu objecto directo.

Podemos assim constatar que na estrutura VV o processo causador e o processo causado são construídos e interpretados como um único evento, ao passo que na estrutura VOV, tanto numa forma como noutra, a "cena" é construída e interpretada como representando dois eventos.

Mas o mais importante é saber quais as condições que motivam a escolha de cada uma destas diferentes construções.

2.2 Causado e "fonte de energia"

Olhando de novo para as figuras, verifiquemos o estatuto do sujeito do infinitivo (passemos a chamar-lhe *causado*, e ao sujeito do verbo causativo, *causador*). Recordando que as noções "trajector" e "marco primário" estão associadas às relações de sujeito e objecto directo, e sabendo que o sujeito e o objecto directo (prototípicos) instanciam os casos agente e paciente, respectivamente, podemos então notar que na construção VOV - INF não-flex. o causado tem um estatuto duplo, simultaneamente "trajector" e "marco primário", o mesmo é dizer, sujeito (do processo subordinado) e objecto (do verbo principal), e, portanto, agente e paciente; pelo contrário, na construção VOV - INF flex., o causado, perfilado como "trajector", comporta-se como sujeito (agente), e na construção VV (com infinitivo intransitivo), em que é somente perfilado a nível compósito como "marco", comporta-se como objecto (paciente).

Ora, o agente é a *fonte de energia* de um processo verbal, é aquele participante que intencionalmente inicia a "cadeia de acção", sendo, por conseguinte, responsável pela ocorrência do processo. Sendo assim, a imagem causativa construída por VOV é conceptualizada como possuindo duas fontes de energia separadas, gerando dois processos separados, em que a primeira exerce controle sobre a segunda. O que ela perfila é o controle exercido pela fonte de energia primária sobre a fonte de energia secundária, manifestando assim uma interacção directa entre estas duas fontes de energia, as quais permanecem claramente separadas. Esta imagem apresenta na construção VOV - INF flex. maior independência e menor controle. A construção VV, pelo contrário, apresenta um única (ou pelo menos altamente dominante) fonte de energia, que é o causador, e por isso ela é conceptualizada como representando, sob a forma de uma expressão verbal complexa, a causa e o efeito num só evento. O que esta construção perfila é pois o controle exercido pelo sujeito principal sobre todo o evento, e não sobre uma segunda fonte de energia.

Quer isto dizer que a escolha entre as estruturas VOV e VV depende, em parte, de se considerar ou não o causado como uma *fonte de energia* válida em relação ao processo representado pelo infinitivo. Isto é, a construção VOV é seleccionada quando o causado é construído como fonte de energia que gera (ou pelo menos mantém) o processo subordinado, por outras palavras, quando é interpretado como seu verdadeiro agente - agentividade essa maior e mais independente na construção com infinitivo flexionado e mais afectada na construção com infinitivo não-flexionado. Quando tal não acontece, ou seja, quando o causado não é construído como fonte de energia do processo subordinado, então o falante selecciona a construção VV. Não se trata, porém, de uma escolha entre três alternativas bem claras, antes de uma escolha de imagens conceptuais cujos limites nem sempre (nem igualmente) são nítidos, sobretudo em relação às duas construções VOV.

Atente-se ainda na natureza animada ou não-animada do causado. Causados não-animados, não sendo propriamente agentes, é de esperar que ocorram (tendencialmente, pelo menos) na construção VV (exceptuando o verbo *mandar*, que só admite causados animados), como acontece nas frases (5)-(8), em contextos normais:

- (5) a. *Deixei cair o copo*
 b. *??Deixei o copo cair*
- (6) a. *Fiz cair a pedra*
 b. *?Fiz a pedra cair*
- (7) a. *O vento fez partir os vidros das janelas*
 b. *??O vento fez os vidros das janelas partir(em)*
- (8) a. *A Maria deixou queimar o estrugido*
 b. *??A Maria deixou o estrugido queimar*

Mas em (9) e (10) os causados não-animados entram também na construção VOV:

- (9) a. *Deixa subir o leite até cima!*
 b. *Deixa o leite subir até cima!*
- (10) a. *O João deixa tocar o despertador durante meia hora*
 b. *O João deixa o despertador tocar durante meia hora*

e tal acontece porque eles, por diversas razões, são conceptualizados como fontes de energia, geradores ou responsáveis dos/pelos respectivos processos.

Causados animados podem entrar em qualquer uma das construções.

3. O caso do causado: causatividade, transitividade e grau de integração

Atenemos mais pormenorizadamente na construção VV. O processo representado pelo infinitivo pode apresentar um participante (verbo intransitivo), ou dois (ou mais) participantes (verbo transitivo). Como já verificámos, o causado recebe um novo caso e este varia, conforme o infinitivo é transitivo ou intransitivo. Esta atribuição e esta variação de caso serão arbitrárias, condicionadas por factores formais? Veremos que não.

Comparemos a estrutura causativa VV à estrutura de frases simples. Com infinitivo intransitivo (cf. 1c e 2b), ela é semelhante à oração transitiva simples. Em ambas se encontram dois participantes com funções correspondentes: o causador corresponde ao sujeito (agente) da frase transitiva e, por sua vez, o causado corresponde ao objecto directo (paciente) da frase transitiva. Quer isto dizer que, à semelhança da frase transitiva simples, o causado, como

segundo e último participante, "cauda" da cadeia de acção, ponto final da energia dispendida pelo sujeito, participante passivo e directamente afectado, vai naturalmente instanciar o protótipo da categoria objecto directo (paciente). Vejamos agora a construção causativa com infinitivo transitivo (cf. 3c, d e 4c). Com três participantes, ela assemelha-se à oração bi-transitiva (ou a outra oração transitiva com três participantes): o causador corresponde ao sujeito da frase simples, o *afectado* (isto é, o ponto final da energia transmitida, o participante afectado por todo o evento causal) corresponde naturalmente ao seu objecto directo e o causado, como participante que nem é "cabeça" nem "cauda" da cadeia de acção, que nem é fonte nem receptáculo de energia, por outras palavras, como participante menos directamente envolvido no evento, e ainda como uma espécie de "agente secundário", vai por isso instanciar o protótipo da categoria "terciária", do objecto indirecto ou do oblíquo.

Podemos portanto concluir que há uma estreita relação semântica entre as construções causativas e as frases (prototipicamente) transitivas, no sentido de que estas, como estruturas simples, servem de modelo conceptual e estrutural para a elaboração daquelas, estruturas complexas; por outras palavras, as estruturas causativas são mais propriamente uma extensão das estruturas transitivas do que, como defendem as gramáticas gerativa e relacional, o resultado de uma redução de orações. Consequentemente, o caso dos participantes das construções causativas está intimamente relacionado com o caso dos participantes de frases transitivas, sendo *instanciações* ou *extensões* destes, e a variação de caso do causado é prova de que o que está em jogo não é uma hierarquia puramente formal (ou outros princípios não-semânticos), mas, antes, os significados dos casos de frases não-causativas⁽¹⁰⁾.

Precisando o que acima dissemos, objecto directo, objecto indirecto e oblíquo, e por conseguinte os diferentes causados que a estes diferentes casos se associam, distinguem-se semanticamente em vários aspectos inter-relacionados, em particular quanto à *actividade* (ou capacidade de iniciativa) e agentividade - o objecto directo representa um participante não-activo e não-agentivo - e em termos de grau de integração conceptual no evento. A figura 3 distribui os diferentes causados da construção causativa VV do português numa escala de integração no evento:

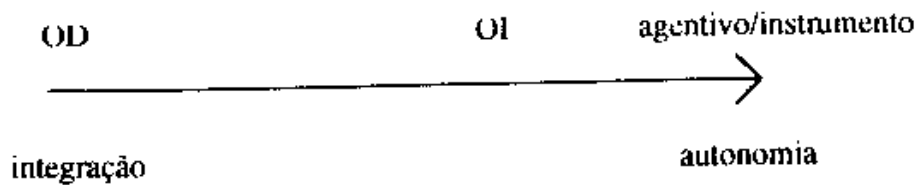


Figura 3. Grau de integração no evento

Passemos à escolha entre objecto indirecto e agentivo/instrumento. Além das frases (3c) e (3d), atentemos nas frases (11)-(13), já que (3d) apresenta um certo grau de inaceitabilidade:

- (11) a. *O presidente fez / mandou / deixou aprovar a lei aos deputados*
 b. *O presidente fez / mandou / (não) ?deixou aprovar a lei pelos deputados*
- (12) *Fiz conhecer Évora à minha mulher*
- (13) *Fiz examinar a criança pelo médico*

Em (11a) *os deputados* estão mais ligados ao processo resultante de aprovar a lei, são mais afectados pela determinação do presidente do que em (11b); nesta segunda frase, os deputados, participante mais autónomo, e periférico, são um intermediário, uma espécie de instrumento (metafórico) utilizado pelo presidente para levar a cabo a aprovação da lei (isto em relação a *fazer* e a *mandar*), ou, se o interpretarmos como agente da passiva, um participante não-topicalizado, ou mesmo dispensável, nessa acção, tal como qualquer agente da passiva. Por outras palavras, em (11a) é salientado o papel dos deputados, como ponto de impacto do processo desencadeado, ou (no caso de *deixar*) como participante interessado, na aprovação da lei, ao passo que em (11b) o que mais conta é o processo resultante. Mais ainda, a interacção entre causador, causado e afectado é mais directa em (11a) do que em (11b), já que neste segundo caso ela é ou pode ser concebida como (mais) mediada pela vontade do causado. Veja-se o mesmo confrontando (12) a (13).

A escolha do objecto indirecto revela, pois, um participante mais integrado no evento, mais directamente afectado, como entidade humana que é. Pelo contrário, a utilização do agentivo e/ou instrumento (não muito frequente no português) - em vez ou melhor do que ser entendida como o resultado de uma passivização prévia, como defende Raposo (1981: 208-234), por

exemplo - evidencia um participante mais periférico e mais autónomo, naturalmente mais agentivo, menos ou não-topicalizado, representando uma causatividade mais indirecta⁽¹¹⁾.

Atente-se ainda no causado como objecto indirecto ou dativo. É certo que aqui ele não se identifica totalmente com um "recipiente" ou um "beneficiário" - os papéis semânticos prototípicos do objecto indirecto -, e se comporta mais como um oblíquo⁽¹²⁾, mas não é menos certo que há fortes razões para o associar ao objecto indirecto: ele é animado e é potencialmente activo (com capacidade de iniciativa, no sentido de poder iniciar o processo) tal como o objecto indirecto, e à semelhança do objecto indirecto, participante conceptualmente periférico em relação ao sujeito e ao objecto directo (como a própria terminologia indica - *indirecto*), também aqui o causado se apresenta menos envolvido no evento do que o causador e o afectado.

Voltemos à situação em que o causado é objecto directo ou está no acusativo. É este o seu comportamento na construção VV com infinitivo intransitivo, da qual já nos ocupámos, e, em parte, também na construção VOV - INF não-flex, como vimos no apartado anterior. Consideremos agora as frases de (4b), construção VOV com o causado pronominalizado na forma acusativa, e comparêmo-las com as de (4c), construção VV com o mesmo pronominalizado na forma dativa. Dado o seu estatuto duplo, o causado (*os miúdos*) de (4b), sem deixar de ser "fonte de energia" em relação ao processo subordinado (*ler esse livro*), é, por outro lado, mais directamente afectado, manifesta um maior grau de integração ou centralidade no evento, e expressa por conseguinte uma causatividade ou interacção mais directa, em comparação com o mesmo causado de (4c). Isto é, e como vimos acima, o acusativo ou objecto directo representa um participante mais integrado e expressa uma causatividade mais directa do que o dativo ou objecto indirecto.

4. *Fazer, mandar, deixar*: diferentes configurações de dinâmica da força

Um outro parâmetro, também condicionante, é a própria significação do verbo causativo. *Fazer, mandar e deixar* configuram diferentes tipos de *dinâmica da força*, para utilizar a concepção de Talmy (1988), diferentes interacções dos participantes relativamente à força (física, psicológica ou social). Enquanto *fazer* e *mandar* categorizam o evento como envolvendo

causatividade directa, *deixar* categoriza a relação causal como indirecta, no sentido de que há uma outra força além do sujeito mais directamente envolvida na consecução do efeito. O sujeito de *fazer* e *mandar*, altamente coercivo, exerce uma influência directa e positiva no causado, coagindo-o ou impondo-lhe a realização da acção. O sujeito de *deixar*, potencial opositor à realização da acção pretendida pelo causado, não intervém, passiva ou activamente, não impedindo, cessando de impedir, permitindo ou até mesmo facilitando a realização dessa acção. Estes três verbos representam, pois, três graus diferentes de causatividade: coerciva (*fazer*) > directiva (*mandar*) > permissiva (*deixar*).

Em relação a *deixar*, é pois de esperar que quanto mais agentivo e activo for o seu sujeito, mais facilmente o causado tenderá a ser construído como objecto e ocorrerá, por isso, na construção VV. Repare-se nas frases (14)-(17):

- (14) *O Zé deixa sair à noite a Maria, quando ele quer*
- (15) *?O Zé deixa a Maria sair à noite, quando ele quer*
- (16) *O Zé deixa a Maria sair à noite, quando ela quer*
- (17) *?O Zé deixa sair à noite a Maria, quando ela quer*

Compreender-se-á também que a interpretação do causado de uma oração transitiva como simples instrumento seja mais fácil com *fazer* e com *mandar* do que com *deixar*: é que o sujeito de *deixar* simplesmente reage a um processo desencadeado pelo causado (a mais activa e interessada fonte de energia), e um instrumento, por si, não é capaz de iniciar um processo (cf. 11b, onde se poderá também notar que no contexto da negação, em que o sujeito de *deixar* assume um papel activo, talvez seja possível admitir esta construção). Em contrapartida, a atribuição do objecto indirecto ou dativo ao causado é semanticamente compatível com *deixar*.

É também de prever que a omissão do causado seja mais fácil com *mandar* e *fazer* do que com *deixar*.

De notar ainda a (natural) compatibilidade semântica da construção VOV com *fazer* e *mandar*, manifestando uma interacção directa entre duas fontes de energia. Noutras linguas românicas, como no francês, no italiano e de certa forma também no espanhol, o correspondente de *fazer* admite apenas a construção VV, facto que poderá ser interpretado como o resultado de um

fenómeno de gramaticalização. De passagem, observe-se que a tanto a gramaticalização como a lexicalização (cf. as locuções *fazer/deixar ver*, *supor*, *deixar entender*, *correr*, *passar*) são também factores condicionantes (para a construção VV).

5. A natureza do processo infinitivo

Um outro factor a ter em conta é a natureza do processo representado pelo infinitivo. Por exemplo, em relação a *deixar*, verbos como *cair* ou *passar*, dado representarem mudanças no espaço inerentemente determinadas (pela gravidade, pelo movimento iniciado), ocorrem mais naturalmente, mesmo com causados animados, na construção VV. Compare-se (18) e (19):

- (18) a. *O Zé deixou cair a Maria do muro*
 b. ?*O Zé deixou a Maria cair do muro*
 (19) *O Zé deixou a Maria saltar do muro*

O sujeito de *cair* é paciente (trata-se, aliás de um intransitivo dito "inacusativo" ou "ergativo", isto é, cujo sujeito é na verdade um objecto); já o sujeito de *saltar* é mais volitivo, sendo por isso passível de ser construído como fonte de energia do respectivo processo.

Em relação aos exemplos anteriores, este mesmo factor (a natureza do processo infinitivo) talvez possa explicar a diferença entre (3d) e (11b).

6. Conclusão

Para concluir, tentámos pois demonstrar que a ordem das palavras, bem como a atribuição de caso nas construções causativas do português são fenómenos semanticamente motivados. Se o causado (animado ou não) é considerado como *fonte de energia* em relação ao processo representado pelo infinitivo, é a construção VOV que é preferida (e uma maior autonomia estará na base do infinitivo flexionado); caso contrário, é seleccionada a construção VV. A construção VOV destaca assim uma interacção entre duas fontes de energia, claramente separadas, em que a primeira exerce controle sobre a segunda, ao passo que a construção VV designa uma única actividade, em que o sujeito principal exerce controle sobre o evento tomado como um todo. A relação conceptual com as estruturas transitivas simples, das quais as construções causativas

são uma extensão, explica a função sintáctica e semântica atribuída ao causado e, com infinitivo transitivo, a variação entre objecto indirecto e agentivo/instrumento. Finalmente, cada um destes três verbos causativos pode condicionar, já à partida, a estrutura de todo o evento, e a natureza do processo infinitivo pode também ser de alguma forma determinante.

Em síntese, o papel do sujeito do infinitivo em relação ao processo por este representado, a natureza deste processo, o tipo de causatividade configurado no verbo principal e a afinidade conceptual entre as estruturas causativas e as estruturas transitivas são os principais factores (aos quais se poderão juntar ainda outros, igualmente semânticos) que, inter-relacionados, explicam a gramática destas construções causativas do português. A brevidade deste estudo obviamente não nos permitiu considerar outros aspectos das mesmas construções, mas julgamos que eles poderão ser adequadamente analisados segundo os mesmos princípios.

Resta-nos finalmente chamar a atenção para a Gramática Cognitiva, em particular para o modelo de Langacker, pouco conhecida (e pouco conhecido) entre nós, a qual proporciona uma alternativa válida e adequada, para este e para outros fenómenos gramaticais, em relação à tese da autonomia da gramática, tão defendida sobretudo pelos gerativistas.

NOTAS

(1) Questionámos alguns estudantes e professores de Português, os quais, invariavelmente, consideraram estas frases como, mais ou menos, inaceitáveis (alguns mesmo como agramaticais), ao contrário das frases de (11b), mencionadas mais adiante, no ponto 3. Nestas frases com o verbo *mandar*, entenda-se "pelos miúdos" e "pelos deputados" como sujeito do respectivo infinitivo. Em Raposo (1981), no entanto, são consideradas gramaticais (e aceitáveis) frases como, "deixei ler esse livro pelo meu filho" (p. 422), "hoje não deixei lavar a loiça pelos meus filhos" (p. 216), "fiz ler o texto pelos meus alunos" (p. 221).

(2) Estes verbos admitem ainda a construção completiva com QUE; e *fazer* e *deixar*, a identidade de sujeitos (construção reflexiva). Também os verbos de percepção (*ver*, *ouvir*, *sentir*) admitem igualmente todas estas construções. Mas verbos semanticamente causativos como *obrigar* ou *levar* ocorrem apenas na construção VOV.

(3) Sobre esta análise, cf. Raposo (1992: 315-317, 375-382).

(4) As frases de (2b), com o pronome no acusativo, são ambíguas: "elevação" ou construção ECM (< *A Maria fez/mandou/deixou os miúdos brincar*), ou "união de orações" (< *A Maria fez/mandou/deixou brincar os miúdos*). Convém notar que a distribuição do infinitivo flexionado e não-flexionado não é tão unívoca como pode parecer: casos há, embora raros, em que a construção "elevação" pode apresentar o infinitivo flexionado, como em "?deixei-os levarem alguns discos" (ex. de Raposo, 1981: 148-9, nota 7, para quem tal fenómeno parece

dever-se a uma analogia com a "construção básica"). Sobre esta mesma indeterminação relativa, cf. também Sten (1951).

(5) Para o português, cf. Raposo (1981: capp. 3, 5)

(6) Estudos subsequentes, como, por exemplo, Gibson e Raposo (1986), mostram que, em determinadas línguas, há outras possibilidades de atribuição de caso.

(7) Este tratamento formal (isto é, sintacticista) continua a ser defendido em estudos bem recentes, como o de Rosen (1992).

(8) A mesma perspectiva encontrámo-la, já em fase avançada do nosso estudo, em Achard (1993), relativamente ao francês. O próprio Langacker (1991: 408-413, e também 1990: 254-260) dedica algumas páginas à construção causativa. Ver ainda Kemmer e Verhagen (a publicar), que citaremos mais adiante.

(9) A figura 2 representa a construção VV com infinitivo intransitivo, melhor, a construção VV que toma como "marco" o "trajector" do processo subordinado. No português, a construção VV com infinitivo transitivo toma como "marco" o "marco" do processo subordinado.

(10) É esta a explicação apresentada por Kemmer e Verhagen (a publicar), num importante estudo sobre a estrutura conceptual das construções causativas de várias línguas (do qual utilizámos o texto inédito, que amavelmente nos foi cedido por Arie Verhagen). Numa forma mais breve, e directamente em relação ao caso atribuído aos participantes das construções causativas, é também esta a interpretação de Langacker (*ibid.*). Sobre a relação entre causatividade e transitividade, cf. também DeLancey (1984) e Croft (1991), que consideram que a base conceptual da transitividade é causal. Ver ainda Comrie e Polinsky (eds.) (1993).

(11) A este propósito, ver também Cole (1983).

(12) Sobre este aspecto, cf. Roegiest (1985).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHARD, Michel (1993) - "Causative structures in French: word order following *faire*, *laisser*, and *forcer*", *Proceedings of the Nineteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, pp. 1-12.
- AISSEN, Judith L. e PERLMUTTER, David M. (1983) - "Clause reduction in Spanish", in Perlmutter, David M. (ed.), *Studies in Relational Grammar 1*, Chicago and London, The University of Chicago Press, pp. 360-403.
- COLE, Peter (1983) - "The grammatical role of the causee in universal grammar", *International Journal of American Linguistics* 49, pp. 115-133.
- COMRIE, Bernard (1976) - "The Syntax of Causative Constructions: cross-language similarities and divergencies", in Masayoshi, S (ed.), *Syntax and Semantics*, Vol. 6 *The Grammar of Causative Constructions*, New York, Academic Press, pp. 261-312.

- COMRIE, Bernard (1989) - *Language Universals and Linguistic Typology. Syntax and Morphology*, 2ª ed., Oxford, Basil Blackwell.
- COMRIE, Bernard e POLINSKY, Maria (eds.) (1993) - *Causatives and Transitivity*, Amsterdam, John Benjamins.
- CROFT, William A. (1991) - *Syntactic Categories and Grammatical Relations: the cognitive organization of information*, Chicago and London, University of Chicago Press.
- DELANCEY, Scott (1984) - "Notes on agentivity and causation", *Studies in Language* 8, pp. 181-213.
- GIBSON, Jeanne e RAPOSO, Eduardo Paiva (1986) - "Clause union, the stratal uniqueness law and the chômeur relation", *Natural Language and Linguistic Theory* 4, pp 295-331.
- KEMMER, Suzanne e VERHAGEN, Arie (a publicar) - "The grammar of causatives and the conceptual structure of events", *Cognitive Linguistics*.
- LANGACKER, Ronald W. (1987) - *Foundations of Cognitive Grammar*, Vol. I, *Theoretical Prerequisites*, Standford, California, Standford University Press.
- LANGACKER, Ronald W. (1990) - *Concept, Image, and Symbol. The cognitive basis of grammar*, Berlin-New York, Mouton de Gruyter.
- LANGACKER, Ronald W. (1991) - *Foundations of Cognitive Grammar*, Vol. II, *Descriptive Application*, Standford, California, Standford University Press.
- POSTAL, Paul. M. (1974) - *On Raising*, Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- RAPOSO, Eduardo Paiva (1981) - *A Construção "União de Orações" na Gramática do Português*, dissertação de doutoramento, Lisboa, Universidade de Lisboa.
- RAPOSO, Eduardo Paiva (1992) - *Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem*, Lisboa, Editorial Caminho.
- ROEGEST, Eugeen (1985) - "Datif ou objet indirect: a propos de la construction factitive", *Actes du XVII Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*, p. 363-73.
- ROSEN, Sara Thomas (1992) "The case of subjects in the romance causative", *Kansas Working Papers in Linguistics* XVII-1, pp. 79-113.
- STEN, H. (1951) - "Accusatif+infinitif et nominatif+infinitif", *Boletim de Filologia* XII-1, pp. 44-59.
- TALMY, Leonard (1988) - "Force dynamics in language and cognition", *Cognitive Science* 12, pp. 49-100.